



I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ENSINO

FORMAÇÃO DOCENTE, TECNOLOGIAS E DIVERSIDADE

02 a 04 de Agosto de 2023



USO DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA COMO PRÁTICA PSICOEDUCATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR

Jennifer Santos Chaves¹; Claudia Aparecida Godoy Rocha²

¹ Graduanda de Psicologia pelo Centro Universitário do Norte-UNINORTE,

² Enfermeira. Preceptora do Curso de Enfermagem na Universidade do Estado do Pará- UEPA.

Resumo

Observa-se um alto índice de violência de múltiplas vertentes no contexto escolar, emergentes muitas vezes de outro meio social do indivíduo, que se refletem na escola. Portanto, propõe-se abordar de maneira dinâmica atividades psicoeducativas que visam apresentar formas assertivas de se comunicar nesse ambiente, contribuindo no desenvolvimento pessoal e nas relações grupais desses indivíduos, além da reflexão sobre como na educação podemos modificar o pensamento violento de uma sociedade.

Palavras-chave: Escola; Psicoeducação; Relações Sociais; Violência.

Introdução

A comunicação é um aspecto fundamental para humanidade, pois concebe a forma que nos relacionamos com o mundo, assim, de maneira subjetiva tendemos interpretar os acontecimentos a partir de referências do nosso próprio sistema cognitivo, percepções e valores pessoais (SANTOS, 2018).

A comunicação não violenta caracteriza-se por ser uma mudança difícil, pois, muitas vezes necessitamos reaprender a nos comunicarmos, com maior transparência, entender a necessidade do outro, perceber-se no diálogo e na posição de conflito (PELIZZOLI, 2012). Mediante essas premissas, foram estabelecidos 4 passos fundamentais para esse modelo, sendo estes, primeiro a observação de um fato,

definida como a descrição real evidenciada sem avaliações de juízo moral, ético ou social (OLIVEIRA, 2019).

A expressão de sentimentos, como segundo fundamento, é onde se expressa os seus sentimentos diante um conflito objetivando criar maior grau de confiança com o grupo, como também, não culpabilizar o outro por suas emoções, cabendo ao próprio indivíduo administrar-se, tornando esse o passo mais delicado, devido à cultura existente não ensinar a sermos transparentes com nossos sentimentos, sendo assim, demonstração dele é vista como fraqueza (PELIZZOLI, 2012).

O reconhecimento de necessidades, constitui-se como o terceiro passo para comunicação não violenta, onde se compreende na associação dos sentimentos com as nossas necessidades, sejam básicas, materiais ou sociais, onde a não realização delas gera um espectro negativo nos sentimentos, da mesma forma no outro (OLIVEIRA, 2019). O último fundamento é a realização do pedido, que se estabelece após a identificação dos itens anteriores, onde realizamos de forma clara e sucinta nosso pedido de forma sugestiva, reconhecendo nossos sentimentos e dos demais envolvidos (MALAGARI, LOPES e SCHLESNER, 2021).

Conflitos escolares recorrentes ocorrem entre alunos, professores ou funcionários, sendo circunstâncias emergentes no cotidiano acadêmico, ocasionando o abandono, insucesso escolar, indisciplina, o *bullying* e a violência (SANTOS, 2018). Nesse sentido, tais situações nem sempre devem ser entendidas como algo negativo, pois abrem oportunidades para elaboração de estratégias de resolução para um problema, utilizando-se de mecanismos de interação, evidenciando o surgimento de ideias ou interesses sobre a problemática envolvida. No entanto, para esse contexto, é necessário um debate saudável, tendo como critério de exclusão a violência, onde no ambiente escolar torna-se mais difícil essa mediação, pois envolve dimensões múltiplas da vida do estudante expressas na escola (SANTOS, 2018).

Como afirmado por Santos (2018) situações conflituosas e práticas de cultura violentas trata-se de questões multicausais, como miséria, desemprego, desigualdades sociais, entre outros, refletidas no ambiente social e escolar sendo fator de influência para o aumento dessa realidade, portanto, um desafio para comunicação e educação para a cultura da paz.

Com tais concepções, é necessário o desenvolvimento de autonomia e participação integral dos mesmos na construção cultural de convivência, respeito ao diferente e um olhar para além do presente, por meio de mediações familiares, políticas, educacionais e sociais (SILVA *et al.*, 2022). O indivíduo que se utiliza da cultura de paz, torna-se um ser pacífico e compreensivo, que analisa situações conflitantes antes de tomar uma decisão, reconhecendo seus sentimentos e limitações (SILVA *et al.*, 2022).

A comunicação não violenta caracteriza-se por mecanismos de interação baseada em um modelo de comunicação sem pré-julgamentos, preconceitos ou agressividade, sua inserção no ambiente escolar contribui e promove confiança no combate à violência na sala de aula, abrangendo do *bullying* às agressões físicas ou verbais (SANTOS, 2018). Visando estabelecer ações restaurativas no ambiente escolar, Remigio (2021) aponta que o uso de técnicas dialógicas estabelecem-se como meio de se remediar micro conflito que surgem no dia a dia escolar, de modo a não tomar proporções maiores desencadeando violência física.

As maiores dificuldades encontradas se situam na falta de conhecimento do público alvo do que seriam as práticas propostas, assim como, problemas de comunicação com a administração escolar. O retorno que mostrasse positivo em utilizar essa ação, são as aberturas para serem realizadas novamente e o efeito empoderador, assim, para o fortalecimento dessas práticas necessita-se de uma ação conjunta entre família, corpo docente, comunidade e alunos, sendo estes, fundamentais para o bom rendimento escolar (REMIRO, 2021).

A partir desses conceitos, objetiva-se discorrer sobre conceito e aplicabilidade da comunicação não violenta no ambiente escolar, elaborar uma dinâmica social baseada nesse modelo e abrir um campo de diálogo acolhedor e cooperativo, propiciando reflexão e reestruturação de ideias já regidas no meio educacional e social.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre a execução de um projeto de intervenção elaborado tendo em vista como público alvo, duas turmas de 3º ano em uma escola estadual na cidade de Manaus/Amazonas. O método

utilizado trata-se de uma atividade em formato de oficina, sendo a mesma dividida em três momentos, a roda de conversa, encenação de um caso e dinâmica grupal.

A intervenção iniciou por uma roda de conversa onde, objetivou-se abordar o contexto histórico, os fundamentos e as aplicações da comunicação não violenta, assim como, a importância dela no ambiente escolar. Utilizou-se como recurso uma cartilha simplificada, elaborada pelo aplicador da intervenção, para os alunos usarem de orientação. A proposta da encenação de um caso é de forma expositiva exemplificar o que foi abordado durante a roda de conversa, dessa forma, foi construído um roteiro e solicitado a participação de três alunos onde, o responsável pela intervenção seria o mediador, um aluno seria o professor e os outros atuariam como estudantes, dividindo se em dois cenários.

Na dinâmica grupal, foi-se dividida quatro equipes onde cada uma teria que montar um cartaz sobre o tema de forma livre, no entanto, estabeleceu-se regras para ganharem uma premiação, sendo estas: todas as escritas devem estar alinhadas na régua, devem conter um pedaço de linha, os materiais devem ser cortados somente com a tesoura, os cartazes necessitam de um pedaço da cartolina de todos os outros grupos, devem possuir todas as cores dos pincéis disponibilizados, só podem ser utilizados os materiais dados as equipes. Dessa forma, os materiais citados foram divididos de forma que cada equipe recebesse um utensílio diferente e precisassem se comunicar para poder utilizar o material, posteriormente compartilhando seus cartazes para turma. Finalizou-se a intervenção com os agradecimentos aos alunos pela cooperação e a realização de um feedback para escola sobre o andamento da atividade e contribuição para os alunos.

Resultados e discussão

A promoção de saúde e práticas interdisciplinares emergem de vários contextos preventivos e remediativos, onde é transmitido conhecimentos acerca da educação, saúde, competências e habilidades sociais favorecendo a elaboração de autonomia e protagonismo do indivíduo, sendo a escola um desses contextos (LOPES, NOGUEIRA e ROCHA, 2018). Compreende-se que a escola é fundamental no desenvolvimento de personalidade, sendo necessário construir um espaço de harmonia e livre de julgamentos, como também, entender que em breve estes

mesmos alunos estarão inseridos em outros meios sociais, como, a faculdade ou mercado de trabalho, onde comunicar-se será uma habilidade primordial.

Silva e Kielb (2022) referem a escola como ambiente de incentivo à negociação, resolução de conflitos, desenvolvimento de autonomia e reivindicações de direitos por vias pacíficas pautadas em práticas sociais assertivas. Da mesma forma, Freire (2000) enfatiza o processo educativo ocasionado pela inserção do indivíduo na escola para além do aprendizado técnico, fomentando sua capacidade de pensar e agir autonomamente, através da mobilização desses saberes numa leitura crítica e consciente do mundo. Portanto, dentre os ambientes sociais onde o sujeito está inserido, a escola é fonte de cuidado e aprendizagem primária.

Através da encenação de um caso, observou-se que no primeiro cenário apresentado onde professor se comunica de forma ríspida e agressiva com os alunos em torno de uma situação problema, desencadeia uma não identificação dos mesmos com ele, emergindo um conflito de necessidades, no entanto, no segundo cenário onde a mesma situação ocorre, foi-se aplicado o uso da comunicação não violenta durante o diálogo, onde os alunos mostraram empatia com a fala do professor, isso ocorre como cita Santos (2018) devido o educador se embasar em um diálogo assertivo, desenvolvendo estratégias para expressão de opiniões, anseios e superações, substituindo padrões de defesa, afastamento e hostilidade por atos minimizantes de violência.

No âmbito escolar, as causas de condutas violentas impõe alguns desafios para os profissionais e pesquisadores de ensino, visto que existe a necessidade de uma compreensão abrangente das situações e dos processos causadores da violência como, a vida social e cultura interna da instituição. Assis, Njaine e Marriel (2023) apontam que o enfrentamento e superação da violência na escola depende de múltiplas esferas como, ministérios e secretarias de educação, gestores, professores, alunos, familiares, conselhos, empresas e a sociedade no geral, objetivando para além da "não violência", a cidadania e vivência plena.

A realização da dinâmica grupal consistiu em aplicar de forma prática o que se foi aprendido ou identificar comportamentos aversivos na própria turma mediante a comunicação uns com os outros. Como resultados a essa atividade, os grupos abordaram os pontos importantes da comunicação não violenta nas suas produções

e discorreram significativamente sobre a execução da atividade, onde foi destacado que a turma não sabia realizar pedidos entre os grupos, optando por apenas impor a necessidade de querer o material, partindo desse acontecimento um ponto de reflexão quanto ao comportamento dos alunos.

Nesse cenário, a psicoeducação refere-se a intervenções estruturadas aplicadas visando a promoção de saúde, pois, deriva-se do uso de técnicas e teorias psicológicas aliadas à esfera educacional e pedagógica, incluindo ensino-aprendizagem (RAVAIOLI, 2019). A partir desse conceito, da realização da intervenção vinculado aos objetivos estabelecidos, observou-se a necessidade de implementação de estratégias psicoeducativas, seja por meio de palestras, intervenções, oficinas, entre outros, acerca do tema estabelecido ou semelhantes, visto que, muitas vezes a escola não consegue preparar os alunos para interação em sociedade, onde essa despreparação será prejudicial para manutenção dessas relações saudáveis com público externo.

Evidencia-se como as relações no meio escolar ainda precisam ser trabalhadas para alcançar uma educação funcional, seja por parte da gestão escolar, professores e até os próprios alunos, pois, conflitos entre o mesmo grupo é algo frequente nesse ambiente. Igualmente, compete à escola a partir da sua atribuição política e social tornar-se um ambiente de convivência saudável, discutir os problemas que abrangem práticas violentas e desenvolver ações psicoeducativas resolutivas a essas contrariedades (SANTOS, 2018).

Conclusões

Frente ao contexto apresentado, inicia-se uma reflexão sobre o tema proposto, apresentando outras maneiras de resolução de conflitos, diálogos e na observação de como ocorre a relação entre os alunos em sala de aula e as demais gestões escolares, abrindo-se espaço para compartilhamentos de experiências e confiança. Ainda é necessário haver muitas iniciativas para efetivação desse meio alternativo de comunicação no ambiente escolar, ampliando espaço para a educação atuar em prol da humanização e atenção social. Nesse sentido, pode trabalhar a saúde mental e o bem-estar emocional dos estudantes, proporcionando ao meio acadêmico experiência e conhecimento para construção científica, aliando as bases teóricas com o trabalho em campo, para ampliação conjunta de ambas as vertentes.

Referências

- ASSIS, S.G.; NJAINE, K.; MARRIEL, N.S.M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. *In: ASSIS, S.G. et al. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2023. p. 43-70.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 76p.
- LOPES, I.E.; NOGUEIRA, J.A.D.; ROCHA, D.G. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde Debate**. v. 42, n. 118. p. 773- 789, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811819>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- MALAGARI, N. C.; LOPES, V. E.; SCHLESNER, M. G. A importância da comunicação não-violenta nos processos pedagógicos para o desenvolvimento regional. **Formação de Professores em Revista**. v.1, n. 1, p. 56-69, 2021. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/formacao/article/view/2179>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- OLIVEIRA, L.O. Comunicação não-violenta como ferramenta pedagógica: por uma prática docente propositiva e colaborativa. **Rev Perspectiva Sociológica**. n. 24, p.. 97-114, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33025/rps.v0i24.2265>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- PELLIZZOLI, L. M. Introdução à Comunicação Não Violenta (CNV) - reflexões sobre fundamentos e método. (org). **Diálogo, mediação e cultura de paz**. Recife: Ed. da UFPE, 2012. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2910201&forceview=1>. Acesso em: 27 out. 2022.
- RAVAIOLI, M. de P. E. Práticas psicoeducativas na atenção primária: contribuições do psicólogo para a educação em saúde. Tese de Mestrado. **Programa de Pós Graduação em Psicologia**. p.1-132, 2019. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/handle/jspui/5381>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- REMIGIO, N.A. A comunicação não violenta aplicada ao contexto escolar de Mossoró/rn: uma análise dos relatos de experiências de facilitadores de práticas restaurativas. **Revista Estudantil Manus Iuris**. v.1, n. 2, p. 67- 85, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/rmi/article/view/9876>. Acesso em: 06 dez. 2022.
- SANTOS, C.S. da A.M. A comunicação não violenta como instrumento para uma cultura de paz: uma proposta para as escolas da rede estadual de Sergipe. **Ideias e Inovações**, v.4, n.2, p. 89-112, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/ideiaseinovacao/article/view/5611>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- SILVA, I.M.M.; KIELB, E.G. Infância e processos educativos em tempos de pandemia: a importância da escola para o aprendizado e exercício da autonomia. **Rev. Humanidades e Inovação**. v. 9, n. 17, p. 230-245, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6817>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- SILVA, R.F.A. et al. Comunicação não violenta no ambiente escolar: educar para a paz. **Diálogos Acadêmicos**, v.5, n. 1, p. 14-25, 2022. Disponível em: <https://revista.iescamp.com.br/index.php/redai/article/view/99>. Acesso em: 01 dez. 2023.